

**CAPOEIRA – THE HISTORY OF AN AFRO-BRAZILIAN  
MARTIAL ART – RESENHA**

Prof. Vivian Luiz Fonseca

Fundação Getúlio Vargas - PPHPBC – CPDOC/FGV

Rio de Janeiro, Brasil

vivianluizfonseca@gmail.com

Recebido em 9 de setembro de 2008

Aprovado em 12 de novembro de 2008

**Resumo**

Essa resenha visa discutir o livro de Matthias R. Assunção, *Capoeira – the history of an Afro-Brazilian Martial Art* (Capoeira – a história de uma arte marcial afro-brasileira), publicado pela editora inglesa Routledge.

**Palavras-chave:** capoeira; lutas; artes marciais.

**Abstract**

**Capoeira – the history of an Afro-Brazilian martial art – Book Review**

This text aims at reviewing Matthias Assunção's book, *Capoeira – the history of an Afro-Brazilian Martial Art*, published by Routledge.

**Keywords:** capoeira; fighting; martial art.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. *Capoeira – The History of an Afro-Brazilian Martial Art*. Routledge, 2005.

A produção intelectual sobre capoeira tem crescido vertiginosamente, no Brasil e no exterior. Em meio a esse aumento de publicações e pesquisas sobre a temática, o livro do historiador Matthias Assunção, *Capoeira – The History of an Afro-Brazilian Martial Art*, merece destaque pelas questões levantadas. Assunção, que nos últimos quinze anos é membro do corpo docente da Universidade de Essex, na Inglaterra, se configura hoje como um dos principais expoentes nos estudos sobre capoeira.

No livro em questão, o autor estabelece um grande panorama da situação da capoeira desde o século XIX até os dias de hoje. O fio condutor da análise constitui-se em perfazer os caminhos pelos quais uma brincadeira de escravos marginalizada e temida “arma corporal” se tornou o jogo da moda de ‘descolados’ pelo mundo todo.

Assunção estabelece uma divisão em sete capítulos, focando em cada um determinados momentos históricos e locais do desenvolvimento da capoeira. O livro se propõe a estabelecer uma análise sobre os principais acontecimentos históricos que de certa maneira foram cruciais para o estabelecimento do que hoje se convencionou chamar de capoeira contemporânea, não tendo um recorte temporal e temático específicos. No primeiro capítulo o autor procura dar conta dos principais mitos que norteiam os capoeiristas atualmente, relacionando-os com os contextos históricos em que emergiram. Assunção faz dos discursos e versões em disputa dos mestres de capoeira seu objeto de análise, iluminando não apenas as maneiras pelas quais a capoeira tem sido enxergada, como também a relacionando aos debates sobre significados de uma cultura afro-brasileira. Dessa maneira, procura discutir, ao longo do capítulo dois, as questões, sempre permeadas de polêmica, sobre a origem da arte. Brasileira ou africana, seu local de nascimento tem sido alvo de disputas de diferentes grupos de capoeira e intelectuais, nos trazendo importantes indícios dos debates sobre nacionalismo e os locais das práticas culturais de origem negra na sociedade brasileira. A capoeira é colocada em evidência dentro de um contexto maior do chamado Atlântico Negro e, segundo o autor, parte do florescimento de um momento de hibridização cultural presente em várias partes do continente americano. Para tal Assunção designa o conceito de *creolização*, fazendo menção à formação de práticas mestiças surgidas na América. Ao concluir que os processos de estabelecimento e desenvolvimento da

capoeira se deram de maneiras distintas no Rio de Janeiro e Salvador (principais centros da capoeiragem no século XIX e início do XX), culminando na capoeira atual, o autor divide a análise em dois capítulos: no três, seu foco incide sobre o Rio de Janeiro. Dialogando com autores que se debruçaram sobre a temática ou que com ela esbarraram ao estudarem temas correlatos<sup>1</sup>, Assunção estabelece o perfil dos praticantes e investiga como a capoeira foi afetada por mudanças sociais e políticas ao longo do período, culminando na sua desarticulação no início do período republicano. Já no capítulo quatro, a capoeira baiana é enfocada, analisando os mecanismos que permitiram-na desembocar na capoeira moderna, possibilitando a criação das duas escolas mais proeminentes e que se tornaram fundamentais para a expansão da capoeira no Brasil e no mundo.

Nesse sentido, nos capítulos cinco e seis, o autor analisa, respectivamente, as trajetórias dos mestres Bimba e Pastinha. Ambos figuras centrais no desenvolvimento da capoeira moderna a partir dos anos 1930 e 40. O primeiro como criador do estilo Regional, e o segundo identificado como o principal organizador e articulador da linha denominada Angola. É importante lembrar que essas escolas deram início à institucionalização da capoeira, antes vista como prática de vagabundos e desordeiros. Concluindo sua análise, Assunção lega ao sétimo capítulo a análise dos processos de expansão da capoeira por diversos segmentos sociais no Brasil e no resto do mundo, a partir de finais da década de 1960. Para tanto, o autor discute a formação e desenvolvimento da chamada capoeira contemporânea na região sudeste. Esse último

---

<sup>1</sup>. Assunção dialoga principalmente com Carlos Eugênio Soares (*A negregada instituição: os capoeiras na Corte Imperial 1850 – 1890* de 1994 e *A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro 1808 – 1850*, de 2001); Marcos Bretas (*A queda do império da navalha e da rasteira (a República e os capoeiras)*, publicado na *Estudos afro-asiáticos* em 1991); Mary Karasch (*A Vida dos Escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*, 2000) e Thomas Holloway (*Polícia no Rio de Janeiro: repressão e resistência numa cidade do século XIX*, de 1997), dentre outros.

conjunto de questões, presentes no capítulo sete, se coloca como uma área ainda pouco explorada, permanecendo ainda com muitas lacunas a serem preenchidas. Merecem destaque, no entanto, os apontamentos do autor no que diz respeito à expansão da prática pelo mundo, trazendo ligações com o processo de globalização. Segundo Assunção, a capoeira vem se firmando como uma experiência sofisticada no mundo pós-moderno, sendo um local privilegiado de formação de identidades (seja de capoeirista, de maneira geral, de grupo ou de um estilo específico), servindo de âncora “num contexto global de dissolução e crise de formas tradicionais de identidade...” (P. 212).

O autor questiona ao longo do livro a idéia da capoeira como arma de resistência, presente, quase unanimemente, no discurso de capoeiristas de distintas origens. Primeiro expressando-se contra o sistema escravocrata e, posteriormente, com a abolição, contra qualquer tipo de opressão. Sobre essas visões simplistas, que colocam em lados opostos grupos hegemônicos e capoeiristas (e também já questionada por outros autores), Assunção aponta que em vários momentos seus praticantes pactuaram com elites e com o Estado, transcendendo a visão tradicional de cooptação. Ou seja, que ao longo de sua história a capoeira só se manteve viva e forte porque soube dialogar com as várias esferas do poder. Ainda assim, essa idéia parece surtir efeito, o que faz Assunção levantar a hipótese de que esse discurso talvez seja um dos principais motivos de fascinação de vários jovens pela capoeiragem.

Assunção aponta ainda que processos de modernização de tradições populares nunca se dão de maneira homogênea, e sim fragmentada, dialogando com os diferentes interesses dos atores sociais envolvidos. Fato presente no desenvolvimento da capoeira, e de maneira mais enfática nas últimas quatro décadas, quando se desenvolveram novos

estilos que dialogavam com os modelos criados na Bahia a partir de 1930. Como exemplos, podemos citar as capoeiras dos grupos Senzala, ABADÁ e GCAP – este último guardando relações, também, com o movimento negro que despontava nos anos 1980, que buscava entender a capoeira como uma manifestação surgida na África e, portanto, como um local de memória corporal de africanos e seus descendentes trazidos na condição de escravos para o Brasil.

Matthias Assunção defende ainda, que a capoeira dialoga e guarda relações com outros tipos de manifestações culturais do chamado Atlântico Negro, fazendo menção ao processo de creolização. Aponta ainda, ter grandes evidências da origem angolana da prática (P.27). Entretanto, ainda há carência de pesquisas mais densas e profundas que documentem e mostrem argumentos sólidos que comprovem esses indícios. Esse tem sido um objetivo de inúmeros pesquisadores, dentre eles Assunção, interessados em estabelecer pontos de interações de contextos que iluminem questões ainda sem respostas sobre a origem e a história da capoeira.

Levando-se em consideração o refinamento de questões e análises, esse livro se constitui como uma forma de alavancar diálogos e debates acerca de vários pontos da trajetória histórica da capoeira. Recomendado não apenas para pesquisadores e capoeiristas, esse livro pode se consolidar como um canal de comunicação com o grande público, interessado em conhecer um pouco mais dessa manifestação que cresce a cada dia.